

10

AS DEUSAS DE BALÃO

COMEDIA EM UM ACTO

POR

Felix Ferreira



Rio de Janeiro

TYPOGRAPHIA INDUSTRIA NACIONAL DE COTRIM E CAMPOS

106 RUA D'AJUDA 106

1867

AS DEUSAS DE BALÃO

COMEDIA EM UM ACTO

POR

Felix Ferreira



RIO DE JANEIRO.

TYP. — INDUSTRIA NACIONAL — DE COTRIM & CAMPOS

106 Rua d'Ajuda 106.

1867.

AS DEUSAS DE BALÃO

COMEDIA EM UM ACTO

Por Ruy Barbosa

RIO DE JANEIRO

6384.

EDITORA LUCAS & CIA. - RUA DO THEATRO, 103

1907

1907

A'

MACHADO DE ASSIZ

O festejado auctor dos Deuses de casaca

Em testemunho de muita sympathia e admiração

OFFERECE

O AUCTOR.

Pamphlet
19th Cent

235

E

LIBRARY OF CONGRESS

OFFICE OF THE DIRECTOR OF THE BUREAU OF EDUCATION

REPORT OF THE DIRECTOR OF THE BUREAU OF EDUCATION

FOR THE YEAR 1892

WASHINGTON

DUAS PALAVRAS

Les Dieux s'en vont ! O Olympo e as altas fabricas do paganismo ruem por terra !

A geração hodierna é a geração da idéa e do trabalho, mas é tambem a geração do epigramma, da espingarda de agulha e das machinas de costura.

O Olympo e as encantadas ficções do paganismo cahem pedaço a pedaço. E se Aristophanes já bloqueiou os ceos na sua diatribe «*As Aves*» e sitiou os deoses immortaes para rendel-os á fome, a geração do seculo do petroleo e do carvão de pedra materialisa os sonhos divinos da velha Grecia e recruta deoses e deosas para transformal-os em deputados ou banqueiros, costureiras da rua d'Ouvidor ou caixeiros de botequim.

Quem diria que o altivo Jove, o prestidigitador mais celebre dos tempos idos, o magico das chuvas de ouro, seria uma mosca no *Orphée aux enfers* e um banqueiro, agiota de gravata lavada e luvas de *jouvin* nos *Deoses de Casaca? Chose étrange que la vie!*

O motejo de Aristophanes escalava sempre os altares olympicos, onde nem vigiavam as ameias e os balcões os castos olhos de Diana ou os voluptuosos lumes da mão dos amores ; de Aristophanes até os nossos tempos quanto não hão soffrido deoses e deosas ?

D'aqui e d'alli poetas e artistas, physicos e sabios matam a Phebus, e o pobre do infeliz, ainda apoz sua morte, encontra Herschel Elliot e Mauvais que o viram e reviram para saber a quantos milhões de legoas deve estar da terra, da terra que elle, o sol, enche de luz e vida!

E porque razão o Olympo está em idade de bronze? Foi fructa, creceu, sasonou e cahio.

Na França, onde a loucura é uma necessidade, o paganismo é estudado e retalhado. Offenbach é o epigramma em musica e as suas operas-buffas ridicularisam Helena, aquella bella Helena que foi causa da ruina de Troya e dão-nos um Ulysses de oculos asues, guarda-sol encarnado e vela de espermacete! E nós rimonos a bom rir, não nos contrista o coração, não nos peza a alma. E o mais das veses sahe-se de ver causas taes e pega-se na *Illiada* e o espirito remonta-se á tempos felicissimos, em que a colera de um heroe era assumpto de um poema.

Avida tem contradicções: ama-se e não ama-se; ha mesmo meninos cheios de melancholia e tristezas que em apanhando um jantar poem feira de materialismo, e encontra-se meninas tão embuidas de sonhos e phantasias que desejariam trocar a casa de roluta e janella por um forte castello, onde a horas morfas, espectros e phantasmas soltassem gemidos e arrastassem cadeias. E tudo isto pensa-se em um seculo, em que os deoses soffrem perseguições e quando procrea-se pintos á vapor e evoca-se o espirito de Salomão: são contradicções de seculo ou de ideas, mas o que o temos nós se é dos tempos tocar-se aos ceos e á lama, ser-se o apostolo da emancipação dos cavallos e o tyranno das mulheres?

Banidos e batidos, peregrinavam os deoses pela litteratura portugueza dando um sorriso por uma fatia de pão e um olhar por um pedaço de toucinho ; viviam mal, mas iam vivendo ; um dia porem apparecem estes versos.

Gentil religião, teu culto abjuro,
Tuas aras profanas renuncio
Professei outra fé, sigo outro rito
E para novo altar meus hymnos canto

e eis os deoses empurrados e perseguidos. Garrett foi um mau homem. Por Deus que sim ! Pois elle não viu o scandal de graças de Venus ? Ai delle se o visse que o teriamos hoje poeta de trovar insipido, mas possessor do Pegaso.

Dahi em diante não parou mais a perseguição : derrubou-se ficções, nayades, dryades, tudo, tudo. No Brasil ultimamente, onde o petroleo vai matando a vela de sebo e onde a cerveja, marca barbante, substitue dignamente as composições de pau campeche ; no Brasil, Machado de Assis ensopou todos os deoses e deu-lhes casas. Disse-se por ahi, á socapa, que os deoses deram-se perfeitamente com ares e clima do nosso torrão e que comem *vol-au-vent* ao almoço, frequentam o *Alcazar* e ceiam no *Provençaux* ou em qualquer taverna, segundo o tempo ou as circumstancias de credito.

Agora apparece o Sr. Felix Ferreira, toma das musas e transforma as lindas e donairosas virgens do Parnazo em charuteira, dona de hotel, mestra de meninas e autora de dramas. E' boa a pilheria ! E quem sabe quantas charuteiras ou costureiras da rua do Ouvidor não têm no corpo o fogo de Erato e a vehemencia de Polymnia ?

Temos que as mestras de meninas rabugentas e que constantemente fallam em *credo, ai jesus, valei-me Senhor Bom Jesus*, são Urania e Clio baptisadas, chismada^s e regeneradas e que as *estrellas* do Alcazar bem podem ser Terpsichore e Euterpe.

Continua o epigramma. O Sr. Felix Ferreira, na sua comedia: *As deosas de balão*, transforma a mãe das musas em parteira... parteira, sujeita que tem á porta uma cruz de papel.... Credo!

Machado de Assis escreveu o epigramma em alexandrino, Felix Ferreira variou de formula, aguçou a penna e feriu musas e paganismo de todos os modos e maneiras. Foi um cruel, mas merece os applausos dos que divertem-se com esses trabalhos de espirito, pilheria e risota.

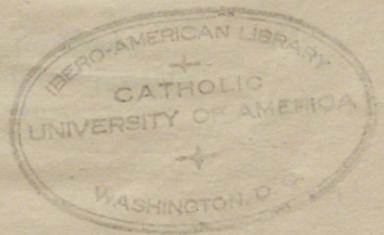
Les Dieux s'en vont, mas Felix Ferreira arremessando tiros contra o paganismo, pede á *humanidade de agora* respeito para as cinzas dos filhos de Homero. Essa ultima idea da comedia é uma satyra e tem dous sentidos: Felix Ferreira riu-se do maravilhoso dos tempos idos ou zomba da mocidade porque calcando aos pes o paganismo e as cousas de outros tempos vai por ali mettendo a ridiculo regras, preceitos e classicos?

Epigramma soberbo, amigo Felix, comprehendi-te perfectamente!. Abaixo o paganismo, os deoses, mas não os classicos e as leis do bom gosto!

M. A. Major.

PERSONAGENS

Caliopé
Clio
Erato
Terpsicora
Polymnia
Euterpe
Melpomene
Urania
Thalia
Menemosyna.



ACTO UNICO

Soberbo templo sustentado por altas columnas de primoroso lavor ;— no fundo ergue-se a estatua colossal de Apollo, tendo de cada lado uma pyra de perfumes;— no centro uma pyramide de flôres circulado pelas nove lyras;— As musas coroam-se de myrthos e rosas, e trajam vestes mythologicas.

SCENA I

CALIOPE E CLIO

CALIOPE

Tomei de Apollo a tuba magestosa
convoquei o congresso.— Reunidas
uma sò vez debaixo destes tectos
eu ainda quero vel-as.— Quero que hoje
em conselho supremo se decida
o que cumpre fazer....

CLIO

E que partido
poderemos tomar?

CALIOPE

—Qualquer que seja
E' força dicidir ; já não nos resta
a menor esperançal...

CLIO

—Eis prostrado
nosso reino immortal!— Oh quem pensára
que de Jove o poder desperecera
como rollos de fumo!...

CALIOPE

—Pae supremo
perdeste o throno qual heròe valente
que depois das batalhas celebradas
em que sempre ganhou da gloria os louros,
em fraca escaramuça perde a lança,
e a flor da tropa vê morrer vencida!

SCENA II

As mesmas e THALIA

THALIA, *cantando*

Coitado do pobre Jove
tão velho já não podia
suster essa monarchia
acervo de tanto mal.
Sentado no velho throno
que a gloria tocou a meta,
não julgava que um poeta
chamasse-o a conta final!

CLIO

Cala-te Mômol que da velha historia
debalde tentarás manchar as folhas!
De Jove o seu reinado é perduravel
nos fastos immórtaes!

CALIOPE

—A minha tuba
sonora os celebrou!

THALIA, *irónica*

—Eu não duvido!

CLIO

Incredula t não vês grossos volumes
em estylo pomposo relembrarem
seus idos tempos?— Oh posteridade!
sò tu lhe renderás devidos preitos!

THALIA

Deixae a posteridade!
Inda crês na humanidade
na humanidade de agora?
Foram-se os tempos d'outr'ora
findou-se nosso reinado.
Da bella Venus mimosa
a mulatinha formosa
roubou o pomo dourado.
Um mancebo *peraltado*
de bigode e *pince-nez*,
diz ser o moderno bardo
que, não gosta de alabastro
ver um collo seductor;
que, não gosta do cabelo
que aos raios furtou a cor ;
despreza os olhos mais bellos
da cor dos da mãe de amor,
Seus desejos e esperanças
vão prender-se ás negras tranças
e aos olhos negros tambem.
Vive louco e enamorado
por um collo amorenado
da mulata seductora!
E inda crês na humanidade
na humanidade de agora ?

SCENA III

As mesmas e ERATO

ERATO, *cantando*

Hoje a palma de rainha
concede o bardo gentil,
no vasto, immenso Brazil
á formosa mulatinha.
Não ha moça mais faceira
mais gentil e seductora,
não, não ha mais tentadora
que a mulata brazileira.

SCENA IV

As mesmas e POLYMNIA

POLYMNIA

Eu corro pressurosa
ao congresso final de meus destinos.
A sorte desditosa
marcou-me agora os tempos mais mofinos.
A vida venturosa
de prazeres repleta se deslize,
tê que um prazo fatal a finalise !

THALIA

Lutar contra a sorte
por certo não podes,
que o tempo passado
findou-se ; e o bardo
já não gosta de ti, nem dessas ódes.

POLYMNIA

Oh venerandas sombras do passado !
Filhos que tanto amei, ergam-se ousados
e ás frentes desses filhos desvairados
atirem maldições !

SCENA V

As mesmas e TERPSICORA

TERPSICORA *entra dansando, e depois de algumas vira-
voltas canta :*

Outr'ora nos verdes páramos
meus passos se deslisando
iam sempre conquistando
do pastor a adoração.
Entre luzes, hoje esplendida
ao som de musicas ternas,
vou dobrando minhas pernas
em derredor de um salão,

THALIA E ERATO—*cantão*

Quando Euterpe tão sonora
suas notas faz soltar,
quem junto a Terpsicora
pòde insensível ficar ?

SCENA VI

As mesmas e EUTERPE

EUTERPE *entra tocando uma flauta ao som da qual todas dançam, excepto Caliope e Clio que encostam se pensativas a duas columnas fronteiras.*

CALIOPE—*findo o dansado*

Oh desgraçadas como accordam echos
de sentidas lembranças !

ERATO

Quando em meu peito se finaram todas
as doces esperanças !

CLIO

Sò desses tempos me ficaram livros
de paginas douradas !

THALIA

Sò desses livros deixarão as traças
as cápas enrugadas !

POLYMNIA

Oh idos tempos de venturas tantas
vem n'um rapido giro doidejando,
apagar-me estas horas pezarosas
de perdidas vigílias !

EUTERPE, *cantando*

A minha sorte ditosa
não tem um termo fatal;

pois minha voz sonora
é no mundo universal.

TERPSICORA, *idem*

O meu destino seguro
é sempre de meu agrado;
no presente, e no futuro
não se acaba meu reinado.

SCENA VII

As mesmas e MELPOMENE

MELPOMENE, *gesto tragico*

Vingança! sim vingança só respiro
contra audazes mortaes invilecidos!
Na dextra o meu punhal; na sextra a lyra
eu desço á terra, e nadarei em sangue!

THALIA, *cantando*

Não sabes? escuta
no templo das artes
não querem os vates
saber mais de ti!
A scena mudou-se
finou-se a tragedia
agora em comedia
só falla-se alli!

ERATO

Agora nem *monólogos*;
ápartes oh jamais!
bem curto faz-se um *prólogo*,
um acto e nada mais!

EUTERPE

A teu reinado o progresso
ergue agora um catafalco!
os copos e as campainhas
tomarão conta do palco!

MELPOMENE

Oh raios de vingança!—Eu desço á terra !
Em cinzas torno os templos profanados !
E os falsos sacerdotes pervertidos
sepulto-os nas ruínas da desgraça !

SCENA VIII

As mesmas e URANIA

URANIA, *com gravidade*

Anda-me um pouco fraco *Sagitario*;
o velho *Capricornio* demorado ;
mais lento vejo ainda o moço *Aquario* ;
o *Piscis* anda um tanto descorado ;
Caminha muito mal o *Tempo vario* ;
e o mundo pende agora para um lado !....
Diana traz-me a face mui candente ;
e o *Phebo* vae peor da intermitente!

Procyon, *Eridano*, e a *Boreal*
ha tempos que travaram grande briga ;
a *Libra* anda sentindo velho mal,
e temo que este mal não lhe prosiga ;
pediu-me a demissão a *Cr'oa austral*,
e o equilibrio da *Terra* assim periga !....

THALIA

E lá com semelhantes disparates
vaees direitinha á casa dos *Orates* !

CALIOPE

Eis-nos juntas enfim !

THALIA

E não é tarde !

CALLIOPE

De lyra em punho ; aos *Numes* demos graças !

Todas tomando as lyras form unam semi-circulo occupando Caliope o centro.

CALIOPE *canta*

Salve de Apollo o templo predilecto!
salve as auras de brandas melodias!
salve de Jove o filho mais dilecto
salve do Olympo o rei das harmonias.

TODAS — *em cõro*

De myrthos e rosas
a fronte c'roada,
na sacra morada
viemos saudar
ao rei dos pastores,
que andou pelos montes
cantando,
chorando,
na fruta sem par.

CALIOPE

O licor de Castalia vá descendo
ao Permesse em sonoras melodias ;
e o Pégaso no monte discorrendo
ouça tranquilo nossas harmonias.

TODAS — *em cõro*

De myrthos e rosas
a fronte c'roada,
na sacra morada
viemos saudar
ao rei dos pastores,
que andou pelo monte
cantando,
chorando,
na fruta sem par.

CALIOPE

Affastem-se p'ra longe do sacrario
os echos que não trazem melodias.

Veladores de Apollo, o sanctuario
tragam sempre replectos de harmonias.

TODAS— em côro

De myrthos e rosas
a fronte c'roáda,
na sacra morada
viemos saudar
ao rei dos pastores,
que andou pelos montes
cantando,
chorando,
na frauta sem par.

*Desfilando por diante da estatua de Apollo, depõem as
lyras em seus logares.*

CALIOPE

O filho de Saturno, o grande Jove,
perdeo o seu imperio!— Eis seu throno
âs plantas dos humanos abatido!
Os Deoses immortaes rojam na terra
como o condor que o raio coruscante
das nuvens o lançou ao fundo abysmo!
Busquei do Olympo o portico sagrado,
transpul-o pensativa, fui á sala
onde excelso se eleva o grande solio,
e encontrei-a deserta! — Corro afflicta
por aqui, por ali... por toda a parte...
silencio sepulchral!...

CLIO

— Parece incrível!

CALIOPE

Encostei-me á columna gigantesca,
onde o Leão de Nemea repousando,
mirava essas grandezas soberanas;
na mente me accordaram as lembranças
desses tempos passados...

— Bellos tempos !

CALIOPE

Lembraram-me essas horas fugitivas
em que Jove immortal se reclinava
em seu throno de gloria, vendo em torno
as namoradas Deusas recostadas
em seus brandos coxins resplendcentes
de finas pedrarias. . . Venus bella
de rainha das bellas tendo a palma !
Os Deuses a seus pés rendendo preitos,
o nectar pelas taças espumando,
dos turyb'los o incenso a perfumal-o,
e sob nossos dedos os tricordios
mandando-lhes nas auras perfumadas
celicas fallas, namoradas notas ! . .

CLIO

Tantas recordações ! . .

THALIA

— Quasi que choro !

CALIOPE

O fado, que roubou de Jove o throno,
do Parnaso derriba o grande Apollo !
Da terra agora os vates insensatos
desprezam nossas leis, não rendem cultos
a nós, que da Castalia maviõsa
em taças de ouro seus licores damos !
Sem Jove, sem Apollo, sem reinado,
que nos cumpre fazer contra o destino !

THALIA *cantando,*

Dizer ao Parnaso : —
adeus ! te — deixamos,
porem não levamos

saudades tamanhas
que façam chorar !

ERATO *idem*

Eu penso contigo,
e o plano te—adopto ;
contigo ja vòto
por esse partido
que vamos tomar.

TERPSICORA *idem*,

Comvosco, meninas,
constante folgando,
comvosco pensando,
tão justo partido
eu quero abraçar.

EUTERPE *idem*,

A sòs deste lado
não fico contente.
Eu julgo prudente
deixar o Parnaso
e a terra buscar.

MELPOMENE.

Oh ! raios de Vulcano ! ide maldictas
buscae a terra, sêde nella vermes ! . . .

CLIO

Da historia os négros factos percorrendo
dos tempos mais remotos, não encontro
como este um outro facto semelhante !

POLYMNIA

Arde-me em santo fogo a mente ousada !
Luz-me o fulgido Apollo nas idéas !
Filhas de Jove, filhas renegadas,
querem deixar do Pindo estas alturas !

Buscae, oh desgraçadas,
buscae dos homens sordidas moradas!

— Ouve-se um surdo rumor. —

URANIA, *com gravidade*

Ouçõ bramir o noto furibundo !...
A *Libra* toma á *Frecha* a dianteira...
Ou pende para um lado o vasto mundo,
ou *Phebo* demorou-se na carreira !

THALIA

Nem *Frecha* nem *Libra*,
nem *Libra* nem *Frecha*!
No mundo uma brecha
agora se abriu !
Plutão que das trevas
o reino mandava,
na terra que amava
contente cahio!

Augmenta-se o rumor; ouve-se um sibilo de vapor.

ERATO

Ouçõ rumores vâgos !...
Um monstro sibilou!

URANIA

Do globo o forte eixo
quem sabe se estalou?

EUTERPE

Alem destas columnas
um vulto destacou.

POLYMNIA, *indo ver recua assombrada.*

! Que monstro é esse furibundo e negro
que aos ares lança enovelado fumo!
que o ventre arrasta carregando brazas,
que arfando geme, que cançado pára?!...

SCENA IX.

As mesmas e MNEMOSYNA

MNEMOSYNA (*vestida de preto*)

Porque foges espantada?...?

Tu tens medo minha filha?

O que vês admirada
é da terra maravilha.

ERATO

Minha mãe!

TODAS

Nossa mãe.

MNEMOSYNA

Sim, Mnemosyna,
fui do perdido Olympo amante-Deusa.

ERATO

E agora?

MNEMOSYNA

Sou mulher.

ERATO

Da terra vindes?

MNEMOSYNA

Pela estrada de ferro, minhas filhas!

EUTERPE

Pela estrada de ferro! E' esse monstro
que arfa cansado, que estridula forte
quando um suspiro quer mandar aos ares?

MNEMOSYNA

E' elle, filha dilecta;
dos homens grande invenção,
é da industria predilecta,
talvez o maior braço.
Na Europa as cidades todas
são por elle percorridas;
tem por pernas tantas rodas,
que dão-lhe veloz corrida.
Rios immensos galgando,
cidades atravessando,
altas montanhas furando
em linha vertiginosa
a sibilar vae bufando,
lançando fumo no ar;
se mão possante, o damnado
não prendesse, o tresloucado
correria sem parar !

EUTERPE

E no entanto a grande altura
não ergue o sanhudo còllo !

CLIO

Tem bem mesquinha figura !

CALIOPE

Que novas me daes de Apollo?

MNEMOSINA

Mal á terra foi chegando
seu cavallinho vendeo ;
a nobre lyra trocando
por obras que nunca leo,
foi-se em critico arvorando.

Ha no Rio de Janeiro
da vida bem bôa estrada;
Cupido sempre bregeiro

segue a tal bem regalada
de elegante e caloteiro.

Marte a Terra mal avista
toma nova profissão ;
vendendo a lança a um logista,
la vae de penna na mão
arvorar-se em jornalista.

Não vendo nada distante
do officio de malhador,
Vulcano, velho tratante,
de pennas de aço inventor
proclamou-se fabricante

Politico no *Janeiro*,
talvez valha um.... jornalista ;
Adorando o Deus—dinheiro—
Protheo, tremendo farcista,
de Mercurio é companheiro.

Depois da sorte nefaria,
que o fez do throno baixar,
Jove,—vendo a vida vária—
para mais cedo quebrar,
abre uma casa bancaria.

THALIA

Com bastante precisão,
dos Deuses a nova vida
fizestes a narração;
mas qual é da mãe querida
sua nova profissão ?

MNEMOSYNE

Não é muito lisongeira
a vida que vou trilhando;
mas tem muita pepineira
nesse mundo miserando,
meu officio de parteira.

CALIOPE

De parteira !

TODAS

Parteira?!

MELPOMENE

Que vingança
contra essa terra infame vou tomar !...

MNEMOSYNE

E este templo, que vae se desabando,
contentes, filhas minhas, vão deixar ?

CLIO

Deixar o templo? !

CALIOPE

Perdido
nosso reino não está.

MNEMOSYNE

Mas assim tão carcomido
qual de vós o reerguerá?

CLIO

Mais forte e reconstruido
nossa mãe cedo o verá.

MNEMOSYNE

Avisou-me um thelegramma
haver hoje aqui congresso ;
Venho saber qual a sorte
do desditoso Permissão :

O que tendes resolvido
pòde-me alguma dizer ?

THALIA

Quatro votos, contra cinco,
querem á Terra descer.

MNEMOSYNE

Esse prudente partido
todas deviam tomar.

ERATO

Talvez comvosco hoje mesmo
á Terra vá passeiar.

MNEMOSYNE

Já contando com isso, minhas filhas,
preveni-me de todo o necessario :
da terra carreguei mil maravilhas,
e a cada uma eu trouxe um vestuario :
calcinhas , sapatinhos, e presilhas
compradas ao compadre Januario ;
lenços, fitas, fivelas, e botões
vestidos, *saut-enbarques*, e balões.

THALIA

As que são do meu partido
sigam já minhas pisadas !

ERATO

Vamos mudar o vestido.

EUTERPE

vamos ficar adamadas.

Sahe Euterpe, Erato, Terpsicora, e Thalia.

SCENA X.

MNEMOSYNE e as cinco filhas restantes.

MNEMOSYNE A POLYMNIA.

Das ódes perdida auctora,
o que tens tu decidido ?

POLYMNIA

Pensava ha pouco...

MNEMOSYNE

—E agora ?

POLYMNIA

Corro a mudar de vestido. *Sahe.*

MNEMOSYNE, A MELPOMENE,

O teu ar meditabundo,
cara filha, tudo aterra.

MELPOMENE

Quero vingar-me do mundo !

MNEMOSYNE,

Mas como ?...

MELPOMENE, *com emphase.*

— Descendo á terra ! *Sahe.*

SCENA XI.

MNEMOSYNE, CLIQ, URANIA. e CALIOPE

CALIOPE

Ai ! trez ficamos sómente
para o templo sustentar!

CLIO

Este facto, infelizmente,
tem a historia de narrar !

URANIA, *gravemente.*

Se meu calculo não mente
volta a *Terra* ao seu lugar !

MNEMOSYNE

As trez aqui, tristemente,
como poderão reinar ? !

SCENA XII.

As mesmas e EUTERPE, TERPSICORA, THALIA, e ERATO.
As quatro ultimas trajam vestidos e balões

MNEMOSYNE *ao vel-as.*

Oh que formosas meninas !
oh que mimosas donzellas !

THALIA

Queremos descer a *Terra*
frescas, moças e inda bellas !

CALIOPE, *tristemente.*

A estrada do progresso caminhando
pelo monte Parnaso, junto ao templo,
estridente sebila ! Estremecendo
altas columnas sobre a negra base
do gothigo edificio, lança em terra
a cup'la seccular que nobres vultos
por tantos seculos veneraram tanto !

CLIO

Agora que fazer ?

CALIOPE

— Buscar a terra,
deixar de ser divinas, ser humanas !

THALIA

Bravo ! que já decidiram
as minhas trez exquísitas !
Vão trocar os seus vestidos
que quero vel-as bonitas!

Sahe CALIOPE, CLIO, URANIA, e entra POLYMNIA e
MELPOMNE, de balões.

SCENA XIII.

As cinco musas e MNEMOSYNE.

EUTERPE

De reviver o passado
já não temos esperança;
do nossõ antigo reinado
p'ra que deixar-mos lembranças ?

*Derribam as pyramides de flores, e a estatua de Apol-
lo ; empilham as lyras e lamçam-lhes fogo.*

SCENA XIV.

MNEMOSYNE e as nove musas.

MNEMOSYNE

Serem filhas de parteira,
creio eu, não ser dezar;
minha Erato, em charuteira
vae tua vida passar.

Tu, Polymnia, meu amor,
tens olhar de feiticeira;
vae á rua do Ouvidor
ser modista costureira.

Urania e Clio, coitadas,
são de genio tão mofinas!
querem viver socegadas?...
vão ser mestras de meninas.

Tu, gentil Terpsicora,
com Euterpe vae buscar
uma vida seductora
no palco de um alcazar.

Minha Thalia tão mimosa,
és linda como um jasmim;
pois vae ser, filha formosa,
caxeira de um botequim.

Melpomene, tu dealde
me escondes velhacaria.....
vae abrir n'um arrebalde
uma nova hospedaria.

Caliope, da vida a sorte
marca estrada tentadora !
Se buscas infausto norte
vae ser de dramas auctora.

EUTERPE, *canta.*

Cahio Jove de seu throno ;
Apollo á Terra baixou...
foi a estrada do progresso
quem seu templo derribou !

Todas, em côro

Morreo, morreo o Parnaso ;
não resta duvida, não !
Se os Deuses trajam casaca,
as Deusas vestem balão.

EUTERPE.

Na Castalia sonora
a doce linpha secou ;
e o *Pégaso* na Tijuca
Um carvoeiro o comprou !

Todas, em côro.

Morreo, morreo o Parnaso,
não resta duvida, não !
Se os Deuses trajam casaca,
as Deusas vestem balão.

EUTERPE

Vates, novos horisontes
vão buscar tuas idéas;
acabaram-se as tragedias,
findaram-se as epopéas.

Todas, em côro.

Morreo, morreo o Parnaso,
não resta duvida, não !
Se os Deuses trajam casaca,
as Deusas vestem balão.

THALIA

Acabou-se agora, vates,
das muzas a monarchia;
podem dizer disparates,
podem viver na anarchia.

CALIOPE

Oh ! vòs que seguís ousados
das letras ignotos trilhos !...
respeitae sequer ao menos
de Homero os dilectos filhos !

FIM.

